

Aprende com os lírios dos campos...

(Palavra de abertura no I Fórum Nacional de Agentes de Pastoral – ANEC
Brasília, 21/22.11.2016)

A Carta encíclica *Laudato Si* é de incalculável pertinência para a questão ecológica e para todos os habitantes da terra. Ao postular a necessidade de uma conversão ecológica, no capítulo intitulado “Educação e espiritualidade ecológica”, Papa Francisco exorta a uma nova *práxis*, especialmente, por parte dos cristãos, para que se efetivem mudanças no “cuidado com a casa comum”. Há, em todo o texto, o convite a um novo olhar. Seja o olhar crítico para a dura realidade da crise ecológica, seja o olhar de esperança que contempla no horizonte possíveis ações capazes de produzir transformações. Aqui, vale recordar a palavra de Jesus, verdadeira exortação ao aprendizado com a própria natureza que tem muito a nos ensinar. Não nos esqueçamos de que boa parte do conhecimento e da inventividade humana advém da observação da natureza. Assim, ressoe uma vez mais para cada ser humano o convite de Jesus: *Aprende com os lírios dos campos...* Contemplando os lírios dos campos e as nossas cidades, ouse apresentar três atitudes que podem fazer diferença no estilo de vida dos educadores cristãos em meio a um mundo marcado pela voracidade do consumo, sedento do conforto e avesso às renúncias, num mundo de pessoas apressadas e autoreferenciadas. Com o Papa Francisco compreendemos que “a doação de si mesmo num compromisso ecológico só é possível a partir do cultivo de virtudes sólidas” (LS 211).

- a) **Dispor-se a aprender.** É preciso disposição para viver a permanente condição de aprendiz numa sociedade “deseducada”. Não há tempo em que o ser humano não possa aprender. Do nascer ao morrer se aprende. Essa é condição inscrita no ser humano que não é onisciente, mas antes, está sempre como discente na escola da história. Com Papa Francisco, aqui recordamos a importância da família onde “se cultivam os primeiros hábitos de amor e de cuidado com a vida”, “pequenos gestos de sincera cortesia que ajudam a construir uma cultura da vida compartilhada e do respeito pelo que nos rodeia” (LS 213). Não obstante a condição de permanente aprendiz, vivemos numa sociedade que parece passar por um processo de “deseducação”, ou seja, que tem perdido referenciais, linguagem, gestos que garantem a respeitosa convivência e o sentido do outro. Ao mesmo tempo em que se defende o respeito à diversidade, crescem a intolerância e o desrespeito às diferenças. Nas redes sociais e nas ruas não poucas vezes nos deparamos com agressões. Educar para uma espiritualidade ecológica

implica garantir o permanente exercício do aprendizado das virtudes sociais que nos permitem conviver respeitosamente com todos e todas. Uma espiritualidade ecológica há de ouvir a cada dia a palavra de Jesus: Aprendeí com os lírios dos campos... Na escola da história nenhum de nós recebe nota máxima. Antes, todos nós temos sempre algo a recuperar. É preciso, pois, recuperar a capacidade da escuta. Como o discipulado de Jesus nasce da escuta de sua Palavra, não haverá espiritualidade sem escuta do Senhor. É pela escuta que se dá uma das melhores oportunidades de aprendizado. A escuta de si mesmo e dos outros é iluminada pelas palavras de vida e de verdade d'Aquele que é o Verbo Encarnado.

- b) **Superar a cultura do conforto.** A sociedade consumista vive das demandas insatisfeitas do ser humano. Este sempre busca mais. De uma parte isso é importante, pois impulsiona para o desenvolvimento e para o progresso. De outra parte, o desejo de sempre maior conforto produz uma série de bens de consumo e favorece uma cultura do descarte. “Quando as pessoas se tornam autoreferenciais e se isolam na própria consciência, aumentam a sua voracidade: quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir” (LS 204). Nesse ambiente, cada vez é mais imprópria a palavra renúncia, que parece ferir os ouvidos do mercado sempre cioso de aumentar seus lucros. Educar para uma espiritualidade ecológica implica, também, recuperar o sentido da renúncia como possibilidade de crescimento e de liberdade. A cruz de Jesus Cristo não pode se reduzir a objeto de adorno ou simples sinal de fé cristã. Ela é bem mais que isso. Ela é a permanente lembrança da oferta mais preciosa do coração do Pai, o Filho. Ela recorda também os limites humanos e suas manifestações na história pessoal de cada um. Sem a luminosidade da cruz não haverá samaritanos que se aproximem dos caídos à beira do caminho e derramem óleo em suas feridas. Urge saber distinguir o grau de conforto necessário para a dignidade humana daquele grau que extrapola o bom senso e fere ainda mais a dignidade dos pobres e dos humilhados. É preciso saber renunciar ao conforto das poltronas para sair ao encontro dos outros.
- c) **Dar testemunho de fidelidade.** A sociedade midiática acirrou o desejo vaidoso de ser visto e admirado pelos outros. A cultura da imagem aponta para uma era da iconofagia¹, isto é, nos alimentamos todo o tempo de imagens. As telas estão nas TVs onipresentes (inclusive nas igrejas), nos celulares, smartphones

¹ Cf. BAITELLO Jr., Norval. *A era da iconofagia*. Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus 2014.

e tablets, nos painéis dos automóveis, nos out-doors, nos interfones e em tantos outros lugares e situações. Podemos ter a todo tempo em nossas mãos uma pequena tela na qual estamos em contato com o mundo. Tudo pode ser transmitido, documentado, fotografado e rapidamente cair na rede. E nesse universo há coisas belíssimas e maravilhosas. O lado frágil dessa cultura da imagem é o enfraquecimento do testemunho de fidelidade. Testemunho vem de martírio. Dar testemunho é dispor-se à dimensão martirial da fidelidade, logo, da fé. O seguimento de Jesus não se faz por imagem nem de modo virtual. Ele que ser encontrado e reconhecido no cuidado dos pequeninos: *“Toda vez que fizestes isso a um desses meus irmãos menores, a mim que o fizestes”!* (Mt 25, 40). Tocar a carne de Cristo nos pobres nos desafia o Papa Francisco. Educar para uma espiritualidade ecológica implica, ainda, dar testemunho de cuidado com a pessoa e com a casa comum. Isso não apenas pelas imagens, pelos posts, pelos discursos, mas por ações efetivas que começam em primeiro lugar pelo modo como eu pessoalmente dou testemunho da fé em Jesus ao amar e servir as pessoas, ao cuidar da casa comum.

Desejo aos participantes deste I Fórum fecundos trabalhos de escuta, partilha e reflexões. Que nossas instituições de educação sejam lugares privilegiados de “educação e espiritualidade ecológica”.

+ João Justino de Medeiros Silva
Bispo Auxiliar de Belo Horizonte
Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Cultura e a Educação